

**PETROBRAS** A IMPORTÂNCIA DA EMPRESA É MUITO MAIOR DO QUE SE PENSAVA E DESNACIONALIZÁ-LA AFUNDARÁ DE VEZ A ECONOMIA

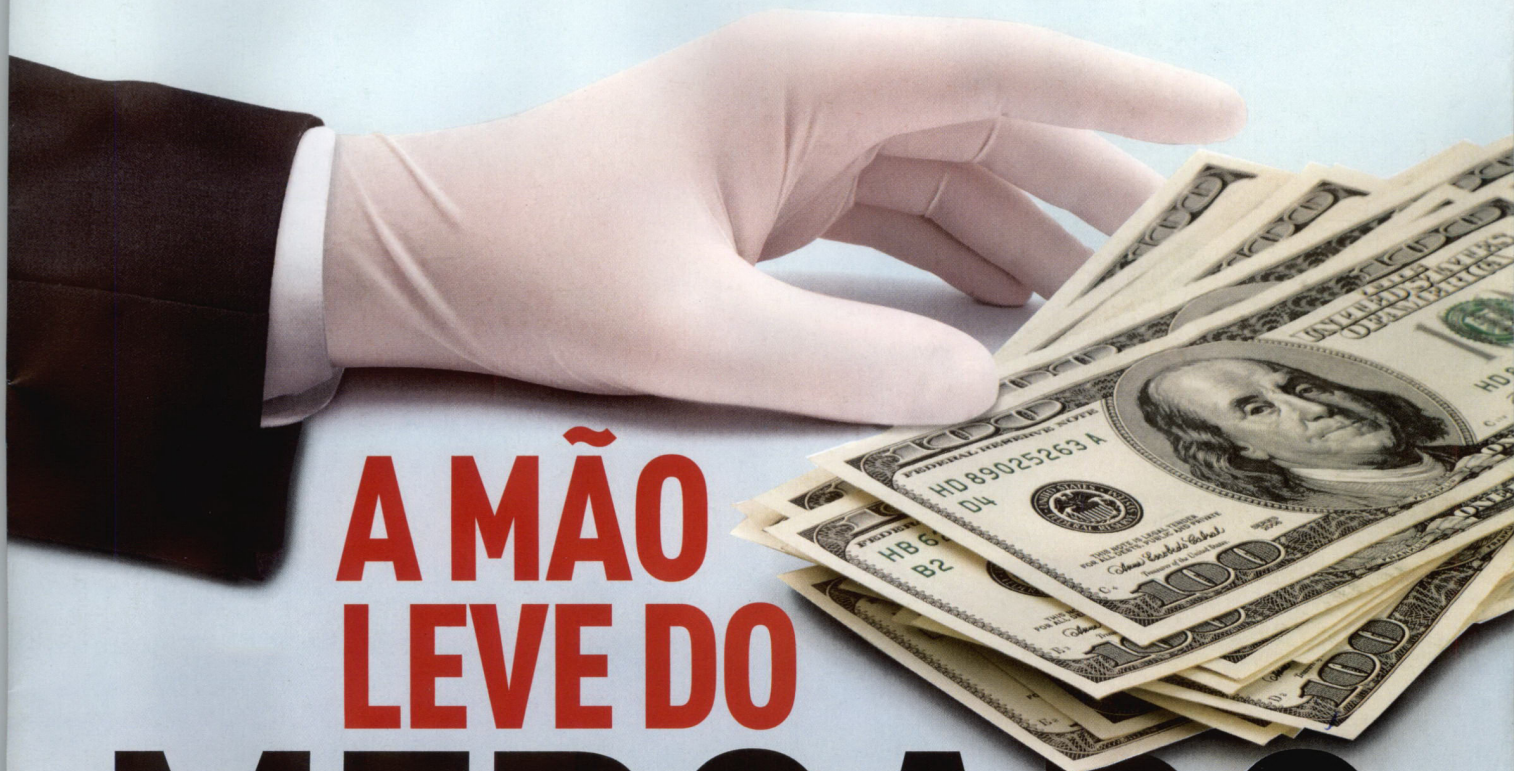
**LULA** MESMO PRESO E COM A CANDIDATURA INTERDITADA, O EX-PRESIDENTE É UM CABO ELEITORAL IMBATÍVEL

**+OI**  
Futebol!  
BRASIL NÃO É MAIS O XODÓ DO MUNDO  
Pág. 59

# CartaCapital

cartacapital.com.br

EDITORIA  
CONFIANÇA



**A MÃO  
LEVE DO**

# MERCADO

A DENÚNCIA CRIMINAL À JUSTIÇA  
CONTRA UMA MEGARREDE DE  
DOLEIROS É PURA VERGONHA  
PARA OS FINANCISTAS E SEUS FÃS

ANO XXVII Nº 1008 Págs. 15, 00  
20 DE JUNHO DE 2018  
01008  
9 77 1809 469028

LEIA  
TAMBÉM  
CARTACAPITAL  
NO TABLET  
E NO CELULAR



# O País entregue ao deus-dará

**PETROBRAS** Liquidar o pré-sal e a maior empresa brasileira significa afundar metade da indústria, sugerem estudos

POR CARLOS DRUMMOND

O fim da Petrobras na sua configuração atual, acelerado com o arremate por concorrentes estrangeiras de mais três áreas do pré-sal na quarta rodada de leilões na quinta-feira 7 a preços de liquidação, e a política de combustíveis que desmantela a estrutura nacional de produção de derivados terão um efeito muito mais nefasto para a economia do que se pensava. Estudos recentes mostram que a estatal cresceu de modo significativo entre as décadas de 1990 e 2000 e passou a representar cerca de metade do valor da transformação industrial e dos ativos totais do setor – máquinas, terrenos, prédios, contas a receber e demais bens e direitos das respectivas empresas. A constatação oferece outra perspectiva em face dos cálculos macroeconômicos que apontam uma participação do setor de petróleo e gás de 13% no PIB e reforçam a hipótese de que a queda dos investimentos da empresa controlada pelo Estado foi a principal causa da desaceleração da economia em 2014, aprofundada com o ajuste fiscal e seguida de recessão em 2015 e 2016. Diante desse quadro, aumenta a preocupação quanto às

consequências para o País do fracionamento e desnacionalização da companhia. No pregão do dia 7, Exxon, Shell, BP, Chevron, Equinor e Petrogal arremataram as áreas de Dois Irmãos, Uirapuru e Três Marias com volume de óleo estimado em 12 bilhões de barris e, após a licitação, a Petrobras decidiu participar dos consórcios vencedores.

Quase 70% do crescimento do valor da transformação industrial entre 1996 e 2010 deve-se a apenas dois grupos de setores, os intensivos em recursos naturais e os intensivos em escala e 57% resultam da expansão do complexo petrolífero, revelam Antônio Carlos Diegues e Caroline Gut Rossi, da Universidade Federal de São Carlos, em trabalho sobre o tema. “A indústria brasileira tem se concentrado no segmento intensivo em

**A Petrobras representou 57% do aumento do valor da transformação industrial em 14 anos**





**Prejuízos.** Na quarta rodada de leilões do pré-sal, o arremate de um patrimônio do País por concorrentes que não darão preferência às fornecedoras nacionais de equipamentos

recursos naturais, fenômeno consolidado na virada do século, e isso se intensifica a partir do fim da década de 2000”, analisam os pesquisadores. Em paralelo a essa concentração em recursos naturais eles observaram uma queda em segmentos com alto valor agregado e elevada capacidade de irradiar ganhos de produtividade para as demais cadeias produtivas, a exemplo de eletroeletrônica, máquinas e equipamentos e indústria química e farmacêutica.

Em outro estudo, Marcelo Sartorio Loural, do Instituto de Economia da **Unicamp**, mostra que de 2002 em diante

os investimentos da Petrobras superaram a soma daqueles realizados pelas principais companhias de capital aberto nacionais e a diferença aumentou após a crise de 2008, quando os gastos foram maiores, por conta da prospecção e exploração do pré-sal. Em 1999, diz Loural, a empresa pública detinha 35% dos ativos totais dentre 74 companhias abertas e, em 2013, sua fatia atingiu 48%, quase a metade do total do grupo. O economista utilizou na comparação um conjunto representativo de firmas de vários setores, a exemplo de Petrobras, Vale, AmBev, Sadia, Alpargatas, Coteminas, Hering, Vicunha, Itaútec, Bardella, Romi, Iochpe-Maxion, Marcopolo, Aracruz, Klabin, Forjas Taurus, Gerdau, Tupy e Usiminas.

“Não parece saudável que uma economia do porte da brasileira dependa tanto de uma ou duas empresas para manter

## Economia



**Derradeira.** Cabos umbilicais fornecidos para a Petrobras pela MFX, a única empresa brasileira que restou no setor de equipamentos submarinos

seu nível de investimentos”, analisa o pesquisador da **Unicamp**, referindo-se à Petrobras e à Vale, esta a segunda mais importante no quesito volume de investimentos. “Ambas responderam, juntas, por mais de 70% da média dos investimentos do grupo entre 1999 e 2013.” Outro fato relevante é o protagonismo assumido pela Petrobras no pós-crise de 2008, quando passa a responder por 60% dos gastos com imobilizado dentre as firmas selecionadas.

**O gigantismo** da Petrobras, ainda mais significativo diante do raquitismo do conjunto da indústria, poderia ser utilizado para redinamizar a economia sob o comando do Estado, mas a atual política da empresa é claramente complacente

em relação aos seus competidores internacionais e respectivos fornecedores estrangeiros e tem pouco a propor além do descarte de produtores de conteúdo local, encomenda de plataformas ao exterior, venda de áreas petrolíferas a concorrentes externos, redução do refino no País e aumento da importação de derivados.

“O grande papel da Petrobras é ajudar a organizar o investimento, a indústria, a tecnologia. A empresa tornou-se um elemento central na dinâmica macroeconômica no período contemporâneo e jogar isso fora talvez seja descartar um dos principais instrumentos que ainda restam para se pensar em desenvolvimento econômico no País”, dispara o economista José Augusto Gaspar Ruas, professor da Facamp, de Campinas.

A cada ano, a partir de 2006, diz, foram atingidos recordes de investimento em todos os segmentos de atuação da empresa, com reflexos positivos na cadeia de fornecedores nacionais e estrangeiros. A média anual de gasto em

exploração e produção nos anos 2000 apresentou um crescimento real de 264% na comparação com a média dos anos 1990. Os índices de conteúdo local saltaram de pouco mais de 65% em 2003, ano de mudanças institucionais e da política de compras da estatal, para mais de 75% em 2008.

**“As experiências** europeias, com destaque para as da Noruega e da França, são ilustrativas da importância do Estado na consolidação de grandes grupos, inclusive evitando desnacionalizações”, salienta Ruas. Segundo o economista, a ampliação da participação patrimonial e da presença de empresas de capital nacional é central para maximizar as possibilidades de o País se apropriar dos benefícios do pré-sal. Assim, prossegue, a utilização de mecanismos de financiamento ou compras governamentais deve ser considerada em estratégias para viabilizar escala empresarial nacional como alavanca do crescimento do nosso mercado petrolífero.

Não foi o que aconteceu no País antes de 2000. “Diversas empresas entre nacionais e estrangeiras investiram em capacidade produtiva no setor petrolífero brasileiro nas décadas de 1980 e 1990, mas, ao contrário das políticas para o setor adotadas na Europa, não houve objetivo deliberado de inserção ativa de firmas de capital local e, em pouco mais de cinco anos, o Brasil perdeu quase todas as de capital nacional. A política de relacionamento intersetorial da Petrobras não tinha interesse em construir empresas locais ou filiais que adotassem o País como plataforma exportadora”, critica Ruas. Nesse aspecto, cabe acrescentar, não houve mudança significativa nos anos seguintes e o resultado é que, na área de produção de equipamentos subaquáticos, resta hoje apenas uma indústria com capital nacional, a MFX.

Engana-se quem prevê bons tempos para as empresas privadas nacionais depois do encolhimento do Estado na

**Limitação.** O recuo na regra de operador único dificulta o uso do mesmo tipo de plataforma em campos distintos e a escala de operações da indústria local

## O índice de conteúdo local aumentou para mais de 75% em 2008, diante de cerca de 65% em 2003

eventualidade de uma desnacionalização da Petrobras. Segundo Loural, desde os anos 1980 é visível a dificuldade do setor privado brasileiro em imobilizar capital e utilizá-lo em aumento da capacidade produtiva. “Explicita-se deste modo um aspecto do comportamento empresarial que problematiza o conjunto de políticas indutoras do crescimento. Mesmo em contexto de maior expansão de demanda, expectativas positivas e fortes políticas de incentivos, o investimento privado responde de maneira débil”, sublinha o economista, que vê “um cenário amplamente desfavorável ao investimento industrial no Brasil nos próximos anos”.

Não foi sempre assim. “O padrão de organização e acumulação da indústria

local tem-se distanciado gradativamente do virtuoso binômio retenção de lucros e reinvestimento... que caracterizou o desenvolvimento produtivo brasileiro ao longo do processo que se convencionou rotular como desenvolvimentista”, destacam Diegues e Rossi.

“O recuo na regra de operador único foi um ataque de grandes proporções sobre a Petrobras como instrumento propulsor de nosso desenvolvimento. Naquela condição, ela poderia adotar estratégias tecnológicas concatenadas para todo o pré-sal. Usar o mesmo tipo de plataforma e arranjos submarinos em distintos campos, por exemplo, facilitaria a escala de operações da indústria local. É a mesma lógica da contratação de ‘plataformas replicantes’ realizada na virada da década. Sem a regra de operador único, as escolhas dependem de cada operador, isoladamente. Cada empresa segue seu conhecimento e suas redes de fornecedores consolidadas, tornando menos dinâmica em escala operacional a indústria local”, critica Ruas.

Como regra geral, prossegue o economista, o cenário que se desenhava no início da década era o de um país que avançava seu posicionamento na indústria petrolífera. O volume de encomendas em setores responsáveis pelo fornecimento de produtos e serviços submarinos permitia reorganizar a política industrial adotada nos anos 2000 para patamares competitivos ainda maiores. “O que se vê hoje é uma soma de dois problemas: a retirada de um mecanismo fundamental de encomendas locais e formação de escala industrial internacionalmente competitiva e a redução dramática do volume de compras e do conteúdo local nas mesmas. A Petrobras transformou-se em uma empresa com predomínio maior da lógica estritamente privada, assim como a política de preços de combustíveis”, conclui o pesquisador da Facamp. •

